



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

PAPAI NOEL LADRÃO/*SANTA THIEF*: UM CONTO DE BERNARDO ÉLIS TRADUZIDO PARA O INGLÊS E A DESCONSTRUÇÃO DO MITO DO TRADUTOR TRAIADOR

Phablo Fellipe Oliveira
(Universidade Estadual de Goiás-UEG/Câmpus Inhumas)

Johnwill Costa Faria
(Universidade Estadual de Goiás-UEG/Câmpus Inhumas)

RESUMO:

Pensar em tradução é também questionar alguns antigos mitos sobre essa atividade, como o velho adágio italiano – *traduttori, traditori* – ou seja, como se os tradutores fossem traidores, dadas as barreiras linguísticas, culturais e temporais que se antepõem à difícil tarefa de traduzir, resultando em um novo texto que não recupera o sentido pleno do texto de partida. Nesse contexto, Arrojo (2007), por exemplo, discute e redefine “fidelidade” na tradução, considerando o trabalho do tradutor como fruto de toda sua experiência lida e vivida, resultando em um novo texto fiel às suas idiossincrasias, à sua subjetividade e às suas concepções de mundo, uma vez que é impossível resgatar ou reconstituir as intenções do texto de partida. Nessa perspectiva, este trabalho utiliza trechos selecionados de uma tradução do conto *Papai Noel ladrão*, de Bernardo Élis, como exemplos para análise que ilustram a problemática enfrentada pelo tradutor, suas escolhas tradutórias e seus “porquês”. Busca-se, portanto, compreender esse processo tradutório e desconstruir velhas crenças, metodologicamente, por meio de pesquisa bibliográfica e aplicação de um questionário ao referido tradutor. As discussões fundamentam-se, principalmente, em Bassnett (2003), Arrojo (2007) e Pagano (2003). Como resultado deste trabalho, são realizadas algumas reflexões, as quais poderão ser úteis àquelas pessoas que se dedicam à teoria e à prática da tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução Literária. Tradutor traidor. Bernardo Élis.

INTRODUÇÃO

Por muitos séculos, desde a origem das línguas e da inserção e inter-relação do homem nas mais diversas culturas e sua necessidade de comunicar e fazer-se entender, a tradução lhe serviu para esse fim. Olhando-se para a atividade tradutória no percurso histórico, várias opiniões e pontos de vista já foram emitidos. Na tradição ocidental, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e Renascimento, a ideia central sobre o tradutor e a tradução escrita está associada à imitação do texto chamado de “original” e ao respeito profundo ao seu autor.

Consequentemente, o ofício do tradutor, em muitas situações, ficou rebaixado a uma posição ancilar, refém de um texto de partida sacralizado e reverenciado, além do surgimento



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

de alguns mitos seculares sobre o ato de traduzir, como o adágio italiano *traduttore/traditore* (tradutor/traidor), como se toda tradução fosse um ato de traição, dando vazão a outras questões relacionadas, tais como: fidelidade, original e equivalência, amplamente discutidas e com conceitos revistos, principalmente a partir da segunda metade do século XX, por acadêmicos, pesquisadores e teóricos da tradução, tais como Susan Bassnett (2003), Rosemary Arrojo (2007), Adriana Pagano (2003) e Cristina Carneiro Rodrigues (2000), dentre outros.

Desse modo, pode-se antecipar que há muitas dificuldades ao se traduzir, por exemplo, um texto literário repleto de expressões regionais, em linguagem coloquial, em dialeto característico de pessoas de determinada classe social e nível de instrução, em determinada localização geográfica e tempo histórico. Como poderia resultar isso? Seria essa tradução “fiel” ao texto de partida? Que elementos se antepõem como obstáculo à tarefa do tradutor e que soluções se apresentariam como mais adequadas?

Um exemplo pode ser dado por meio do escritor goiano Bernardo Élis, que, em sua escrita, reúne essas características: linguagem regional – com elementos da fauna, da flora, e objetos, utensílios, costumes e cultura local; uso de dialeto para caracterizar personagens (e até mesmo, por vezes, o narrador onisciente) conforme seu grau de instrução e/ou perfil socioeconômico e coloquialidade, tudo isso atendendo ao propósito da história contada. Especificamente, como exemplo para estudo, o conto *Papai Noel ladrão* e sua tradução em língua inglesa, *Santa Thief*, por Jethro Soutar, podem trazer exemplos muito ricos para análise, além de contribuir para o objetivo central deste trabalho: produzir reflexões sobre o que seria fidelidade na tradução e desconstruir o mito do tradutor/traidor.

As motivações para este trabalho advêm, em primeiro lugar, de uma natural curiosidade acerca dos problemas de tradução, especificamente, relativas à tradução de dialetos e regionalismos e, ao mesmo tempo, vêm do desejo de valorizar e difundir a literatura de Bernardo Élis no Brasil e no exterior.

Tais ações se justificam como insumos para estudiosos, pesquisadores, professores e todos os profissionais envolvidos com a teoria e a prática da tradução, como exemplos para análise e aplicação; por outro lado, a valorização da cultura goiana, por meio da literatura, é um meio de resgatar e projetar essa cultura, tomando-a como algo valioso e importante para a consolidação de uma identidade local, mas também, brasileira.

Este texto é resultante de um projeto de pesquisa desenvolvido na UEG/Câmpus Inhumas, e o autor, Phablo Felliipe Oliveira, aluno do curso de Letras – Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas literaturas – é bolsista voluntário –



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

PVIC (Programa Voluntário de Iniciação Científica), desde agosto de 2016. O coautor, o professor Johnwill Costa Faria, coordena o projeto e orienta o referido bolsista.

Além da pesquisa bibliográfica, este trabalho lançou mão de um questionário direcionado ao tradutor em questão, em que se colheram respostas importantes sobre o processo tradutório do referido conto.

Nesta pesquisa, portanto, a problemática será ilustrada e discutida por meio de excertos de uma tradução do conto *Papai Noel ladrão*, de Bernardo Élis. Para esse fim, seguindo uma ordem estrutural fluida e lógica, após a fundamentação teórica, serão apresentados brevemente o escritor Bernardo Élis e seu tradutor Jethro Soutar, bem como o enredo desse conto. Em seguida, os excertos selecionados desse texto que apresentaram dificuldades para o tradutor, segundo ele próprio, seguido de uma análise geral, à luz da teoria apresentada. Por último, as considerações finais.

1. Relativizando conceitos à luz da teoria e prática da tradução: original, equivalência, fidelidade e traição

O processo tradutório transcende o entendimento do que poderia ser, hipoteticamente, chamado de *transposição de significados* de um idioma para outro. Traduzir não é fazer uma operação matemática, pois os significados não são estanques e *equivalentes*.

É assim que se manifesta Bassnett (2003, p. 22) a esse respeito, afirmando que somente por uma abordagem linguística estreita é que se pode afirmar que a tradução é uma “transferência de significados” mediada pelo uso competente de um dicionário e de uma gramática – absolutamente – a tradução é um processo que envolve todo um conjunto de critérios extralinguísticos.

Assim, essa autora advoga a mesma ideia propagada por Edward Sapir, que ela própria cita (SAPIR apud BASSNETT, 2003, p. 22), para o qual, duas línguas não são suficientemente similares para serem consideradas representando a mesma realidade social, pois os mundos em que diferentes sociedades vivem são distintos e não simplesmente o mesmo mundo com diferentes rótulos.

Portanto, em matéria de tradução, há de se elaborar uma discussão do que seria chamado de equivalente e, por conseguinte, rever alguns conceitos há muito tempo alvo de discussões nos Estudos da Tradução, intimamente relacionados com a noção de equivalência: original, fidelidade, traição. Tais termos estão também ligados ao mito do tradutor traidor – *traduttore/traditore*, segundo um velho adágio italiano. São estes os pontos a serem discutidos nas subseções a seguir.



1.1 A questão do texto original e o que se entende por equivalência

Rodrigues (2000, p. 202-203) utiliza uma interessante metáfora de Derrida, discutindo a ideia do “texto original” como sinônimo de “texto-fonte”, dizendo que a fonte, “na pureza de sua água, está sempre disseminada longe de si própria e não tem relação consigo enquanto fonte”. É “apenas um efeito produzido pela estrutura de um movimento... não é, portanto, a origem nem à partida nem à chegada” (p. 203). Dessa forma, nada pode ser original, uma vez que a língua não é um veículo perfeito, que externa os pensamentos com precisão, pois, muitas vezes traímos a nós mesmos quando tentamos, por meio dela, manifestar o que se passa em nossa mente.

Rodrigues prossegue: “o tradutor não lida com uma ‘fonte’, nem com uma origem ‘fixa’, mas constrói uma interpretação que, por sua vez, também vai ser movimento e desdobrar-se em outras interpretações” (p. 203).

Se até mesmo o texto de partida (original/texto-fonte) é objeto das diferentes interpretações, visões de mundo particulares de cada leitor, além de ser ele próprio “infiel” ao seu próprio criador, o que dizer das traduções? É verdade que elas existem e são muito necessárias, mas não se pode falar, categoricamente, em textos originais ou fiéis. Com isso, o senso comum e a crença de que uma tradução pode ser um texto definitivo, pronto e acabado, fiel e com equivalência perfeita ao texto de partida são colocados em xeque.

Segundo Pagano (2003, p. 14-15), uma antiga crença de que a tradução pode ser realizada num vácuo temporal e cultural, e, ao se desprezar o contexto em que uma obra é concebida e toda a complexidade de fatores envolvidos, uma ideia formulada em uma língua pode ser automaticamente transposta para outra, “como se se tratasse de uma operação matemática de equivalência entre palavras mediada por um dicionário”. Entretanto, teorias desenvolvidas em décadas mais recentes, a partir dos anos 1950, demonstram a complexidade do processo tradutório, que envolvem não só os textos e as línguas em contato, mas também outros aspectos, como a produção e a recepção de textos.

Assim, não se pode falar em equivalência linguística ou de sentidos entre duas culturas em contato, pois há muito que considerar. As culturas, por exemplo, não sendo uniformes, oferecem um obstáculo a quem se embrenha na selva da tradução.

Em relação à “equivalência”, portanto, é muito mais seguro utilizar outro termo, reportando a semelhança, similaridade, adequação do texto de chegada em relação ao texto de partida. Assim, evita-se principalmente o conceito matemático daquela expressão, a qual deixa implícita a ideia de tradução como algo que é preciso, exato, simétrico e, portanto,



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

passível de um juízo de valor pretensioso e prescritivo – “a” tradução, em lugar de “uma” tradução – sem levar em conta as inúmeras variáveis e a complexidade que compõem o processo tradutório.

1.2 Sobre fidelidade e traição

Nas últimas décadas do século XX, os conceitos de equivalência e fidelidade foram redefinidos, relativizados, e o leitor e a recepção ocuparam papéis importantes para o processo tradutório, graças a ideias herdadas do Pós-Estruturalismo – entre 1958 e 1968 – de intelectuais franceses como Jacques Derrida, Michel Foucault e Roland Barthes.

O Pós-Estruturalismo não se contrapõe ao Estruturalismo, mas sim, observa a sua perspectiva, retrabalhando seus conceitos e desenvolvimentos até chegar a outras concepções teóricas como o desconstrutivismo, o construtivismo, o relativismo e o pós-modernismo. Dentre essas novas ideias, o desconstrutivismo merece destaque por sua aplicação à análise literária e, por conseguinte, à teoria da tradução literária. Esta teoria sustenta que o texto possui uma pluralidade de sentidos, relativizando a noção de verdade e realidade, as quais são construídas subjetiva e socialmente. É o contexto histórico de cada indivíduo que determinará sua percepção sobre o mundo, onde tudo é relativo e a realidade e a verdade não são absolutas.

Desse modo, Arrojo (2007, p. 37), apoiando-se no Pós-Estruturalismo de Roland Barthes e Jacques Derrida, na linha da crítica pós-moderna ao essencialismo, discute a questão da fidelidade na tradução e cita Pierre Menard, personagem fictício de um conto do escritor argentino Jorge Luís Borges, que sonhava realizar a tradução ideal do D. Quixote, de Cervantes, que resultaria na reescrita dessa obra “exatamente como Miguel de Cervantes o escrevera, repetindo seu contexto histórico e social, suas circunstâncias, suas intenções e motivações”. Entretanto, ela nos fala da impossibilidade desse sonho: “esse texto (...) não é um receptáculo de conteúdos estáveis e mantidos sob controle, que podem ser repetidos na íntegra”.

Em sua análise, essa autora argumenta que a noção de “realidade” ou de “verdade” é subjetiva e cada leitor ou tradutor terá reflexos de si mesmo no resultado do que ele se propõe a fazer. Assim, a história pessoal de cada um, querendo ou não, sempre vai marcar o resultado do trabalho desempenhado porque “aquilo que consideramos *verdadeiro* será



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

irremediavelmente determinado por todos os fatores que constituem nossa *história* pessoal, social e coletiva” (p. 38).

Essa opinião de que a verdade e a realidade estão sempre submetidas à subjetividade e ao universo interpretativo individual, idiossincrático, sem par, é ratificada quando Arrojo cita Roland Barthes: “qualquer texto, por pertencer à linguagem, pode ser lido sem a ‘aprovação’ de seu autor, que pode apenas ‘visitar’ seu texto, como um ‘convidado’, e não como um pai soberano e controlador dos destinos de sua criação”.

Por conseguinte, Rosemary Arrojo postula que muito embora se tenha a intenção de resgatar os valores e as intenções do criador do texto, o que se consegue é tão somente a *nossa* visão desse autor e de suas intenções. Daí, se a possibilidade de uma tradução ser inteiramente fiel ao texto original é questionada, por isso mesmo, a possibilidade teórica de qualquer tradução e a sua avaliação tornam-se questões difíceis de resolver, pois fica patente que “fidelidade” é um conceito impreciso ou inexistente.

Octavio Paz (1971, p. 9) reflete sobre o caráter individual, único, do texto escrito:

As pessoas, quando dizem as mesmas coisas, embora as expressem em idiomas distintos, respondem à confusão babélica com a universalidade do espírito, apesar das diferenças entre os indivíduos, sociedades e épocas. Cada texto é único e é, ao mesmo tempo, a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria língua, na sua essência, já é uma tradução: primeiramente, do mundo não-verbal e, em segundo lugar, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase. Este argumento pode, porém, ser revertido sem perder nenhuma da sua validade: todos os textos são originais, porque todas as traduções são diferentes.¹

Esta característica própria do texto está vinculada à época em que ele foi produzido, submetendo-se àquela realidade social e cultural, conforme assinala Maria Corti, apud Bassnett (2003, p. 134):

cada época produz os seus próprios signos, que se manifestam em modelos sociais e literários. Logo que estes modelos se consomem e a realidade parece desaparecer, são necessários novos signos para recapturar a realidade, e isto permite-nos atribuir um valor de informação às estruturas dinâmicas da literatura. Vista deste modo, a literatura é ao mesmo tempo a condição e o lugar da comunicação artística entre emissores e destinatários ou público. As

¹ Los seres humanos cuando dicen las mismas cosas, aunque las expresen en distintos idiomas responden a la confusión babélica con la universalidad del espíritu pese a las diferencias entre individuos, sociedades y épocas. Cada texto es único y, simultáneamente es la traducción de otro. Ningún texto es enteramente original porque el lenguaje mismo, en su esencia, es ya una traducción: primero del mundo no-verbal y, después, porque cada signo y cada frase es la traducción de otro signo y de otra frase. Pero ese razonamiento puede invertirse sin perder validez: todos los textos son originales porque cada traducción es distinta.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

mensagens trilham o seu caminho no tempo, lenta ou rapidamente; algumas mensagens aventuram-se em encontros que desfazem completamente uma linha de comunicação; mas, com enorme esforço, outra linha se constrói. Este último facto é o mais significativo: ele requer aprendizagem e dedicação da parte daqueles que querem percebê-lo, porque a função hipersignica das grandes obras literárias transforma o código da nossa visão do mundo.

Se cada época produz seus próprios signos e estes se manifestam em modelos sociais e literários, constantemente alterados e renovados sob a perspectiva de uma cultura e uma língua, é natural concluir que tal fato se complica ainda mais quando se trata do caso das traduções, em que essa dinâmica se coloca entre duas culturas e duas línguas postas frente a frente, cada qual obedecendo a tendências variáveis, não coincidentes em sua totalidade e com estranhezas entre as duas partes em intercâmbio. Tais diferenças, ao serem mediadas pela tradução, exigem não só um ótimo conhecimento da língua e da cultura de partida, mas também, estratégias de tradução muito bem pensadas.

Além de todo esse problema que perpassa a questão da fidelidade, também o próprio processo do trabalho de tradução está ligado à subjetividade e às concepções de mundo e idiosincrasias de quem traduz e sua concepção individual e única do processo tradutório. Ou seja: cada tradutor é fiel às suas próprias concepções individuais de tradução:

(...) nossa tradução de qualquer texto (...) será fiel não ao texto ‘original’, mas àquilo que consideramos *ser* o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos. (ARROJO, 2007, p. 44)

É interessante discutir a questão do texto original no que hipoteticamente constituiria a sua “originalidade”. Se alguém pensa em algo e, de alguma forma, deseja externar isso, até que ponto essa pessoa será capaz de expressar com exatidão aquilo que pensou? A linguagem verbal pode expressar um pensamento em toda sua integridade, sem lapsos ou falhas? Muitas vezes isso não é possível, principalmente quando há conceitos abstratos envolvidos.

Vê-se, portanto, que o próprio autor de um texto “trai” a si mesmo, e o que se chama de “original” está irremediavelmente preso no âmbito das ideias formuladas ainda em pensamento. Mesmo assim, tem-se ao alcance um número incontável de textos escritos, que são tratados, comumente, como “originais” e se destinam, em primeiro lugar, aos leitores que dominam a língua em que foram criados. Conforme o que já foi disposto anteriormente, a interpretação desses textos depende do universo pessoal de cada leitor e essas leituras serão –



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

até certo ponto e dependendo da complexidade dos textos – diferentes entre si. Quando um texto é traduzido para outra língua, porém, outras variáveis entram em ação: as diferenças culturais, o nível de domínio da língua de partida por parte de quem traduz, a constante evolução das línguas, além das particularidades e características de cada uma das línguas em questão etc.

Se até mesmo o conceito de “original” é duvidoso, como se pode falar em fidelidade? A tradução, a despeito disso, existe e é necessária. É nesse ponto que o tradutor, ao assumir o seu papel, deve traçar seus objetivos, seus propósitos e reavaliar o que entende por “fidelidade”. Perguntas como “o que estou traduzindo? Para quê? Para quem?” são importantes para que se estabeleça um norte, e a tão discutida fidelidade será então redefinida: o tradutor será fiel a si mesmo e às suas próprias concepções, juízos e crenças.

2. O escritor Bernardo Élis – pequena biografia

De acordo com Daniel Schneider e Thiago Minani (2011), Élis é o escritor de maior projeção no grupo dos modernistas de Goiás, tornando-se referência do regionalismo tradicional com os contos de *Ermos e Gerais* (1944) e com seu primeiro romance, *O Tronco* (1956) e, no sertanismo goiano-mineiro, que passou a competir em prestígio com a literatura do Nordeste “por causa de Ermos e Gerais, antecipou-se a Guimarães Rosa (Sagarana é de 1946), Mário Palmério (Vila dos Confins, 1956) e José J. Veiga (Os Cavalinhos de Platilanto, 1959)”. Além disso, como informa o sítio da Academia Brasileira de Letras (s.d.), foi o quarto ocupante da Cadeira 1, eleito em 23 de outubro de 1975, além de ter recebido inúmeros prêmios literários.

Para Ercília Macedo (1968, p. 22-23), Élis é “dramático, violento, irônico, cruel, bruto e, às vezes, causa-nos horror”. Isso é construído de modo antagônico: a flora, a fauna e a geografia de Goiás expressa lentidão, sossego, ou seja, uma natureza pacata, que serve de pano de fundo para o desenrolar do horror e da violência.

O talento desse escritor, logo no início, foi reconhecido por grandes nomes da literatura brasileira, como nos fragmentos transcritos abaixo, respectivamente, das cartas de Monteiro Lobato (de 5 de outubro de 1944), Mário de Andrade (de 30 de novembro de 1944) e Guimarães Rosa (de 21 de maio de 1965) ao próprio Bernardo Élis:

Acabei de ler ERMOS E GERAIS... Quod abunda nocet. O livro está prejudicado pelo excesso de talento do autor. Como derrama!... Parece uma taça de champanha abruptamente cheia demais e que se derrama toda! Se



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

you can get disciplined, tame the wild horse of your talent, and admit that a book is not written for ourselves and for receivers scattered in this world and called “readers”, we have in Bernardo Élis the most prodigious writer of modern Brazil, the first great handler of the immense mass of pains, stupidity and tragedy that is the immense illiterate Brazil of the interior. With this material and his genius [sic], my dear Élis, you operate in our literature a revolution even greater than that in Russia of communism (LOBATO apud ÉLIS, 1987, p. xiv, grifos de Monteiro Lobato).

You have the main quality for whom it applies to fiction: the power to impose on people, to evidence “your” reality, little caring that your reality be or not be the real of real life. (...) finally people never perceives in your writings that range of documents so prejudicial to legitimate fiction. (ANDRADE apud FARIA, 1985, p. 162)

My dear Bernardo Élis, it was a joy to receive the books, with your letter of 5 of December. I liked, immensely, to receive “O TRONCO” with the same lively admiration – of whom one enthusiastically admires something true, beautiful, palpable, new. I delighted myself with “CAMINHOS E DESCAMINHOS”. Formidable that story (“Here, there, welcome?”) of the Indians, of the Indian girl with the girl. No one in any country, at any time, in any part, wrote something better! Thank you. The more, our Domingos Félix will tell you. I love to know him. Everything he thinks and says, with respect, confers with me, with what I sustain and find. Excuse the delay of this. Write, without stopping – we ask. But, here, it is only a quick message. Domingos, on the side, wait for me, saying strong things, with the rich Goian style. But – great, pleasant, sincere, is the embrace of your Guimarães Rosa. (ROSA apud ÉLIS, 1987, p. xv)

3. O perfil profissional do tradutor Jethro Soutar

According to his responses to the questionnaire sent (conforme Anexo I), Jethro Soutar is a translator of Spanish and Portuguese into English. He is British, graduated in Letters, with qualifications in Portuguese and Spanish, from the Faculty of Humanities at the University of Cardiff, in 2000. His translations include *Needle in a Haystack*, by Ernesto Mallo (published in 2010 and indicated for the Crime Writers Association's International Dagger) and *Hotel Brasil*, by Frei Betto (published in 2014 and winner of the Pen Award), both by Bitter Lemon Press.

His translation of the novel *By Night The Mountain Burns*, by Juan Tomás Ávila Laurel, was published by *And Other Stories* and indicated for the Independent Foreign Fiction Prize 2015. He is co-founder of Ragpicker Press, where he published his debut work *The Football Crónicas*, a collection of translations of short texts from Latin America.



4. O enredo de *Papai Noel ladrão*

A crítica de Polinésio (1994, p. 81), a respeito de *Ermos e gerais*, aponta que se trata de um livro de contos que conserva as características do regionalismo que foi

libertado do engrandecimento romântico da natureza e da preocupação do narrador em destacar sua figura da matéria narrada, mas muito ligado, ainda (na linha de Monteiro Lobato) à busca de temas chocantes e à preocupação de enfatizar a condição de vida desumana e as injustiças a que são submetidos os personagens.

Como exemplo disso, essa mesma autora menciona o conto *Papai Noel ladrão*, cujo enredo assim pode ser descrito:

Em um contexto que lembra a década de 1930 ou 1940², o filho da cozinheira de uma família rica, menino negro, incomoda a mãe fazendo pergunta sobre um costume do Natal, do qual ele tinha ouvido falar pelos meninos ricos: colocar um sapato na janela na noite de Natal, para que o Papai Noel deixasse um presente. Ao que o pobre menino é bruscamente repellido: “— Larga de inzona, porqueira. Arreda do caminho” (ÉLIS, 1987, p. 86). Alimentando essa fantasia, o menino – sem nome – pega o velho e fedorento sapato da mãe, do único par que ela tinha, para colocar na janela de casa, conforme o costume. Ao amanhecer, o sapato desaparece, fruto do “roubo” por parte de um cachorro. Quando a história é retomada, no dia seguinte, o cenário é a casa de dois estudantes vizinhos da cozinheira. Um deles é acordado pelo choro do menino, ao qual lança palavrões, por causa do barulho: “Nisto a gritaria do negrinho aumentou. Aquele choro na alegria feliz da manhã era de uma tristeza dolorida e revoltante. A gente ouvia perfeitamente o batido do chinelo no corpo da criança – pá, pá” (ÉLIS, 1987, p. 87).

5. O processo tradutório: análise

Por meio de declarações do próprio Jethro Soutar, abaixo se encontram alguns dados sobre o processo de tradução de *Papai Noel ladrão*, com passagens problemáticas e soluções encontradas. Segundo Soutar (2016):

² Por exemplo, a menção a “Shirley” no conto, é provavelmente uma referência a Shirley Temple, menina prodígio, criança que muito jovem se destacou em filmes de Hollywood dessa época, atuando, dançando e cantando, ficando muito famosa.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Eu não tinha certeza o que, exatamente, era “taco de mandioca” ou se viver em um “bangalô” pudesse sugerir certa classe social, por que as crianças ricas poderiam conhecer os últimos sambas (acesso a TV e rádio) e quem era “Shirley”. Mas a questão mais problemática a lidar foi a palavra “pretinho”, que aparece duas vezes. É sempre difícil traduzir coloquialismos, mas, nesse caso, havia uma questão de preconceito racial e que valor tal palavra tinha, considerando a distância do tempo (quando a história foi escrita) e a geografia (conotações regionais e nacionais).³

Sobre o uso coloquial da língua, variação linguística regional/dialeto, Soutar se dispõe assim:

Em termos de diálogo coloquial, houve duas linhas particularmente difíceis: “Larga de inzona, porqueira. Arreda do caminho!” e “Ocê pinchô meu sapato no mato, porqueira!”. Novamente, não estamos lidando somente com gíria regional aqui, mas também com classe social e a linguagem de uma época diferente. Eu acabei escolhendo *runt* para *porqueira*, pois a ideia relacionada a porco foi mantida, além de ser um insulto praticamente universal e sem demarcação no tempo, enquanto que *poppycock* parecia ser uma boa solução para *inzona*, devido ao seu uso universal, antigo e não tão vulgar.⁴

Portanto, como traduzir é uma escolha, no que se refere aos sentidos, o tradutor – ao seu próprio modo – opta por termos que tentarão soar em inglês conforme soam em português.

Entretanto, o resultado são similaridades – e não equivalências, dadas as barreiras naturais entre as duas línguas e culturas mediadas pela tradução. Os exemplos abaixo falam por si próprios. Os comentários adiante dos exemplos, a seguir, não têm a pretensão de avaliar a tradução, por sinal, muito competente, realizada por Jethro Soutar, mas, tão somente, ilustrar a problemática. Nos exemplos, os termos difíceis estarão sublinhados, para atender os propósitos específicos desta análise, somente para dar maior destaque e clareza.

Fragmento A:

³ I wasn't sure what exactly a 'taco de mandioca' was, whether living in a 'bangalô' suggested a particular social class, why only rich kids would know the latest sambas (access to TV and radio) and who Shirley was. But the trickiest issue to deal with was 'pretinho', which occurred twice; it's always difficult to translate colloquialisms, but in this case there is the matter of racial prejudice and how weighted the word is, considering the distance of time (when the story was written) and geography (regional and national connotations).

⁴ In terms of colloquial dialogue, there were two particularly difficult lines: 'Larga de inzona, porqueira. Arreda do caminho' and 'Ocê pinchô meu sapato no mato, porqueira.' Again, we are not only dealing with regional slang here, but social class and the language of a different era. I ended up with 'runt' for 'porqueira' as it kept the pig idea and is a fairly universal and timeless insult, while 'poppycock' seemed like a nice solution for 'inzona' for it is universal, old-fashioned and not overly vulgar.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

[...] Larga de inzona, porqueira. Arreda do caminho.
[...] *Enough of your poppycock, runt. Outta my way.*

De modo geral, toma-se essa solução como algo aproximativo em relação ao efeito produzido no texto de partida. Como estratégia geral adotada por muitos tradutores, privilegia-se uma noção do que seja esse “efeito”, em lugar de uma impossível tradução palavra por palavra.

Em “arreda do caminho”, nota-se a adaptação *outta my way*, que denota o uso informal da linguagem, a coloquialidade em lugar do uso mais formal “get out of my way”.

Para e “inzona” e “porqueira”, conforme anteriormente comentado por Soutar, as soluções respectivas *poppycock* e *runt* guardam semelhanças com os termos em português, mas não é possível definir tais soluções como definitivas ou que apresentam o mesmo peso em termos de significado – avaliando-se tanto a coloquialidade quanto a gravidade ou leveza de cada insulto em comparação com o contexto linguístico, cultural e cronológico em que a história se passa.

Fragmento B:

[...] Do fundo da casa veio vindo o filho da cozinheira roendo um taco de mandioca. [...]
[...] *The cook's son approached from the back of the house, gnawing on a piece of manioc [...]*

Em “o filho da cozinheira”, a solução em inglês, *the cook's son*, apresenta uma dificuldade, pois *cook*, em inglês, não revela o gênero – masculino ou feminino – da pessoa, o que se faz possível somente pelo contexto.

Quanto a “taco de mandioca”/*piece of manioc*, a palavra *piece* pode significar “pedaço”, apenas tangencialmente atribuível como significado para “taco”.

Fragmento C:

[...] para o jardim da frente do bangalô esperar o jantar [...]
[...] *the front garden of the bungalow to wait for dinner [...]*

A questão do “bangalô” é um tanto misteriosa. Somente pelo contexto da história, aproximadamente delimitada no tempo (anos 1930/1940), pode-se, talvez, atribuir valor social por esse tipo de construção – moradia para pessoas de nível social mais abastado, o que não confere atualmente com as habitações de Goiás: ricos, hoje em dia, não moram em bangalôs. A solução, em inglês, entretanto, soa natural e adequada.



Fragmento D:

[...] O pretinho foi perguntar à mãe sobre isso[...]
[...] *The little negro boy went to ask his mum about it*[...]

Aqui, como o próprio tradutor se manifesta a respeito, a dificuldade reside no valor atribuído a “pretinho”, levando em conta o preconceito racial, encaixado em um período cronológico mais recuado e também levando em consideração o espaço geográfico no uso da linguagem (o modo de falar goiano na metade anterior do século XX). Em consideração ao diminutivo, em “-inho”, isso poderia representar relação a palavra carinhosa ou racista?

Talvez não seja possível avaliar “pretinho” com a mesma carga de significado/preconceito como nos dias de hoje. A solução *little negro boy*, aos ouvidos de hoje, não soa muito pesada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como traduzir são escolhas, no que se refere aos sentidos, o tradutor – ao seu próprio modo – opta por termos que tentarão soar, por exemplo, em inglês conforme soam em português, muito embora haja dificuldades intransponíveis, remediadas, muitas vezes, por meio de perdas, acréscimos ou compensações.

Em vista do que foi exposto na fundamentação teórica, o resultado são similaridades ou compensações – e não “equivalências”, dadas as barreiras naturais entre as duas línguas e culturas mediadas pela tradução.

Quanto ao que é supostamente “original”, a criação literária de Bernardo Élis, à disposição dos leitores, está submetida ao universo interpretativo de cada um deles, jamais se podendo resgatar as intenções do autor.

Sobre “fidelidade” – intimamente ligada ao que genericamente se coloca sobre “traição” e aos apontamentos sobre “original” e “equivalência” – a noção pessoal, idiossincrática de cada leitor/tradutor, o mérito do tradutor Jethro Soutar é, sim, ter sido fiel às suas vivências, às suas experiências e convicções pessoais, jamais lhe pesando o fardo de Judas.

Por fim, este estudo, ao lançar algumas respostas ou discussões acerca da tradução, espera contribuir para essa área por meio das reflexões aqui apresentadas, tanto no que concerne à desconstrução dos referidos mitos sobre a tradução e o tradutor, o que, de certa forma, procura valorizar esse ofício que, por vezes, passa despercebido, invisível aos olhos de



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

leitores que não se dão conta de que não estão lendo diretamente um autor e sua obra em seu contexto de partida, mas sim, uma obra traduzida, mediada por profissionais que passam por muitas dificuldades nesse papel de mediadores entre as culturas envolvidas.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Bernardo Élis*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=354&sid=90>>. Acesso em 22.04.2012.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. 3rd ed. London and New York: Routledge, 2002.
- ÉLIS, Bernardo. Obra reunida de Bernardo Élis. In: *Coleção Alma de Goiás*, v.1 – *Ermos e gerais; Caminhos e descaminhos; Veranico de janeiro* (contos). Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- FARIA, Johnwill Costa. *Of mice and men, de John Steinbeck: a oralidade na literatura como problema de tradução*. 2009. 219 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- MACEDO, Ercília. *Um contista goiano*. Anápolis: Secretaria da Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 1968.
- MINANI, Thiago; SCHNEIDER, Daniel. *Literatura: O tronco – Bernardo Élis tornou-se referência do regionalismo tradicional com seu segundo livro. Educar para crescer*. [s.l]: Abril S.A., 2011. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/o-tronco-403604.shtml#>>. Acesso em 22 abr. 2012.
- PAGANO, Adriana. Crenças sobre a tradução e o tradutor. In: ALVES, Fábio; Magalhães, Célia e PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-15.
- PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets Editor, 1971.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.